

Comissão Estadual da Verdade - Pará

Grupo de Trabalho Memória e Ditadura

Linha Temática Ditadura e Gênero

Seminário

"As mulheres e a resistência à ditadura no Pará"

Membro da CEV-PA

João Lúcio Mazzini

Pesquisador

Jaime Cuéllar Velarde

Belém - Pará

2015

NOTA BIOGRÁFICA DE MARIA ISA TAVARES JINKINGS

Nasceu em 08 de janeiro 1934, em Belém (PA).

Filiação:

Pai: Arthur Alfredo da Costa Tavares (português). O pai, veio aos 12 anos para o Brasil trazido por amigo dos pais: a família Simões da Costa. Conhecia literatura e chegava a citar autores clássicos. Não errava a gramática. Comprou uma mercearia e padaria e passou a ser proprietário. Muito jovem.

Mãe: Laura Rodrigues Valente Tavares. Filha de português e brasileira.

Perdeu a mãe com 13 anos que teve 17 filhos. A mesma é admirada por ter tomado conta de todos sem nunca ir à escola. Talvez daí tenha vindo a força e garra que demonstrou ao longo de sua trajetória como mãe, esposa e militante pela democracia.

Isa Jinkings é mãe de Nise Maria Tavares Jinkings, Leila Maria Tavares Jinkings, Raimundo Antonio filho Tavares Jinkings, Álvaro Lenin Tavares Jinkings, Ivana Maria Tavares

De formação familiar muito católica. Ia à missa todos os dias. Comungava. Usava véu. Adoração ao Santíssimo Sacramento. Não chegava a ser corola, diz, apesar de ser frequentadora assídua.

Nutre admiração pela professora de Religião, Josephine Conti. Esta educadora foi revolucionária em sua vida por ser bastante simpática e com abertura muito grande entre os alunos. Conquistou todos com sua postura. A admiração rendeu um convite para que a professora fosse sua madrinha de crisma.

Estudou no Colégio Progresso Paraense e passou a ser Colégio Católico das Irmãs dominicanas, Santa Maria de Belém. Localizado na Rua Mundurucus, entre Rua Padre Eutíquio e Rua Apinagés.

Começou a estudar numa escola particular na Esquina da Arcipreste com São Pedro. Perto de sua casa.

No 3º ano passou para Santa Rosa, até a 5ª série. Aos 10 anos fez exame de admissão para o colégio Moderno até os 14 anos. Não fez o científico.

Prestou Vestibular para o curso Pedagógico, na Escola IEP (Instituto Educacional do Pará). Concluiu aos 16 anos. Daí em diante, fez estágio em vários grupos escolares.

Aceitou a imposição da família para que fosse professora. E por essa razão nunca realizou o sonho de fazer Medicina.

Em 1970, concluiu o Curso de Letras, na UFPA.

Soube ainda em 1968 de sua responsabilidade para com o partido, PCB, e com os rumos de sua família.

O marido se dizia ateu, mas ia às missas para acompanhá-la. Usava sempre paletó. Usava lenço sempre perfumado, com perfume Itamaraty. O véu sempre ficava perfumado. Depois do

casamento deixou de ser assídua. Se respeitavam no ateísmo e no cristianismo.

Após a saída da prisão do marido, em 1964, começou a vender na feira livre no bairro de Batista Campos. Vendia tudo que pudesse ser vendido em uma feira. As vendas eram de gêneros necessários para uma família.

Os amigos que compravam no *Vesúvio*, esquina da Avenida Portugal. E no *Vitória*, próximo às Mercês. Passaram a comprar na feira, na barraca do casal. Era um gesto de Solidariedade. Dormiam na barraca do feira, o marido Raimundo e o sócio, Sandoval Barbosa. Ambos foram muito perseguidos pelo Jarbas Passarinho e dormir na barraca era forma de cuidar do pouco que lhes restava para prover suas famílias.

Junto com o marido, foi campeã de assinaturas do jornal Voz da Unidade. Impresso de 12 páginas, aproximadamente. Jornal oficial do PCB. Foi, como prêmio pelo recorde de vendas, para URSS no ano de 1987. Também visitou, em 1984, Cuba e Nicarágua. Sempre com o marido e na condição de convidada pela excelência na defesa dos ideais socialistas.

Recorda que em 1964 ainda era *mocinha romântica*. Começou a ler coisas sérias quando conheceu o marido. Quando era jovem adolescente, ouvia falar no Prestes, nas Comunas. Aquilo a seduzia, mas só sabia das *coisa ruins* do comunismo. Ela ouvia coisas sobre o comunismo. Tinha curiosidade em conhecer mais para saber se era tão ruim. Duvidava que fosse ruim. Talvez por que o pai tinha orientação salazarista.

Sobre a índole honesta, enfatiza que aprendeu esse valor com o pai. Lembra também que o pai tinha relação perfeita com a mãe, não lembra de discussões entre eles.

Ela adorava esses sonetos e chegou a escrever alguns. Gostava de rimas.

O marido dizia que as coisas *se comprovam*, que *as coisas não são vagas como a religião*. Se afirmava como materialista histórico, nos ditames marxistas que vigoravam naquela época. Assim dizia-se ateu.

Sobre o ateísmo de Raimundo Jinkings, lembra que o marido tinha curiosidades, ansiedades, sobre Deus. Mesmo afirmando-se ateu. Recorda que o mesmo tinha um caderno de poemas, sonetos. E num deles, o marido "via estender-se uma sombra, essa sombra será Deus?" Então, por esta passagem tinha dúvidas sobre a convicção do ateísmo do marido.

Sobre a repressão, define que *virou leoa* após a prisão do marido, mas não agiu sob emoção, raiva ou impulsos. Suas ações sempre eram planejadas e revestidas de candura. No dia seguinte à 1ª prisão do marido, por exemplo, foi ter diretamente com Alacid Nunes para saber notícias. Suas astúcias foram inúmeras para tratar com a repressão. Para romper a barreira de comunicação, inventou que o marido tinha problemas de intestino e precisava receber comida

caseira. E assim o fez todos os dias com suco, leite, açaí, etc. mesmo com o marido incomunicável. Também mandava cartas elogiando o capitão Douglas. Sabia que seriam lidas em atos de invasão de privacidade. Com isso, burlava a possível intransigência do Capitão. Também mandava bilhetes na tampa da garrafa do café. E para informar sobre o lugar na tampa da garrafa, Luis, soldado avisava sobre tal astúcia. Assim o marido tinha notícias sobre o ambiente político da repressão.

Não recuou quando a casa e livraria sofriam ataques do CCC (comando de caça aos comunistas). Em 18.11.1979, por exemplo, a livraria sofreu ataque com grandes danos.

No final da década de 1970, colaborou com a formação da SPDDH e também chegou ao cargo de vice-presidente da Federação Paraense de Mulheres.

Em 1987, foi eleita para compor o Comitê Estadual e Secretária de Agitação e Propaganda do PCB. Nesse momento, representou o estado no VIII congresso do PCB, em Brasília. Depois disso, assumiu a Secretaria de Finanças. Nesta atividade, conseguiu obter com recursos próprios a 1ª sede do partido. Foi a 1ª capital a obter tal êxito.